

Gente de PALAVRA

revista n° 28



2015

o ano de Ogum e de Marte é pra lutar bom combate

Adélia Einsfeldt Adha Agnes André Camargo Antonio Cabral Filho Arnault L. Dias Ayalla de Aguiar Bellé Jr. Benette Bacellar Berenice Sica Lamas Bruna Clavé Bruno Borin Chrisellen Vieira Davi Kinski Dayane Tosta Denivaldo Piaia Edison Gil Felipe Magnus Flavio Machado Francisco Castro Gabriela C. A. Claudino Geruza Zelnys Giuseppe Neto Ieda Motta Jorge Ventura Leandro Martins de Jesus Lilian Rose M. da Rocha Ludimar Gomes Molina Luiz Otávio Oliani M Isis Magaiver Wellington Magda Duarte Mah Fiori Mari da Glória Jesus de Oliveira Marisol Rojas Gomez Michelle C. Buss Miguel Namaskar Milton Trindade Neli Germano Nijair Araújo Pinto Odair Fonseca de Souza Renato de Mattos Motta Ricardo Escudeiro Roberto Leal Rodolfo Tokimatsu Sonia Anja Themis Groisman Lopes Thiago Nelsis Valmir Silva

2014 2015

o ano que se vai o ano que já vem e a poesia que fica

2012, 2013, 2014... a gente vem construindo uma trajetória através da palavra. Sempre palavra de honra; algumas palavras-de-ordem quando se trata da defesa de direitos como no caso da Escola Porto Alegre – totalmente voltada ao atendimento de jovens e adultos em situação de rua, ameaçada de ser convertida em Escola de Educação Infantil – acabando com o patrimônio de 19 anos de um modelo de ensino pioneiro na América Latina; nunca palavras ao vento; sempre que possível a palavra certa, exata.

2014 foi um ano de algumas importantes vitórias. A conquista do financiamento do Fundo Municipal de Produção Artística e Cultural – Fumproarte Porto Alegre –

para a Coleção Caderno de Poemas, nos permitiu a edição de seis livros neste ano e de mais três que virão no primeiro semestre de 2015. O Edital *Cultura 2014* do Ministério da Cultura permitiu que – juntamente com Vidráguas e *Après Coup Escola de Poesia* – realizássemos o AEDO – Arte e Expressão da Oralidade – Festival de Poesia que reuniu diversos poetas e grupos de poetas que atuam em Porto Alegre, mostrando um recorte da poesia contemporânea e trabalhando ainda a transversalidade entre a poesia e outras artes como a música, o teatro e as artes plásticas. Finalmente, já em dezembro de 2014, um evento duplo – iniciando dia 5 com uma mesa de debates na Casa das Rosas, maravilhoso centro de difusão literária em plena Avenida Paulista, e concluindo dia 10 com o Sarau 27 realizado na Estação Jovem, superequipado centro de referência da juventude, em São Caetano do Sul – marcou a consolidação do Núcleo São Paulo de Gente de Palavra.

Em 2015, vamos continuar trabalhando a palavra do mesmo modo que temos feito até agora: com precisão e conteúdo porque, se a palavra é o nosso instrumento cotidiano, é o significado que ela carrega o que nos permite a ousadia do nome Gente de Palavra.



Salvação

Salve a angustia de todas as horas.
A dor de tanto desamor e solidão.
A cor que não tem brilho nem visão.
A sensação que causa arrependimento e horror.

Salve aquele vazio no coração.
Aquele triste distancia e solidão.
Aquele labirinto de histórias mal contadas
De paraíso e perdição.

Salve das dores e das doenças,
Das misérias e das crenças.
Salve o que puder ser salvo,
Do alvo, do tiro e da língua.

Salve o invisível e o indivisível.
O honesto e o desesperado,
O triste e o mal amado,
A injustiça e a destruição.

Salve-se da morte.
Se entregue à sorte.
Não atire no escuro.
Salve a sua direção.

Salve o seu riso e a sua vibração.
Salve o seu braço e o seu abraço.
Salve a sua insanidade, lucidez e depressão.
Salve o seu momento poético e salve a sua indiscrição.

Ieda Motta

SubVERSÃO

Supere a sua mente!
Não minta para si!
Não se omita!
Deixe o improvável surgir!
Subvertendo a lógica das coisas.
Subvertendo a masmorra que o consome.
Liberte esse animal!
Abra a jaula!
Acabe de vez com esse monstro!
Esse monstro...

Esse monstro
chamado...

Chamado
mo
no
to
ni
a

Bruna Clavé



Morosofia

Explorei neste mundo dimensões extras:

A tulipa cresce na cabeça do louco

A tulipa é o segundo coração do artista

Tenho, desvairado, tulipas demais e tenho miolos de menos.

Sou um tradutor de absurdos

Delirante por vocação.

No eclipse encontra-se o sol co'a lua

E quem desaparece sou eu

Minha sombra projeta a noite no céu.

À vida ardente nos continentes, oceanos e fábulas!

Um louvor aos loucos que dançam bêbados ao meio-dia!

Tenho-me visto dormir à deriva

Passeado sonâmbulo pelos bares

Pedindo inspiração pra beber.

No dia seguinte acordo entre cinzeiros vazios

Cinzas e bitucas pelo chão

Garrafas, às dezenas, bebidas pela metade.

E meus sonhos me transbordam.

Thiago Nelsis



Pontos y cruces

Será que sou triste
será que estou morta
Será que essas cruces
que cruzo e descruzo
que arrasto no rastro
que mostro no rosto
será que é caminho
será que é a morte
Será que é o prazo
cobrado no rasto
cortado na carne
mostrado no rosto
Será que é a morte
que cruza e descruza
que passa se apressa
envolta na vida
Será que é tristeza
Será que estou morta
será que estou morta

Ayalla de Aguiar

Peregrina

E pra aqueles
que desejavam
cortar-lhe as asas
ela sorria...
e cumpria seu
destino de voar...
voar...
em busca de onde
pousar...

ainda que por breve
tempo,
não era do seu
feito
ficar
num só lugar...

M Isis

#poesiadodia

www.todapoesiadodia.blogspot.com.br



Batalha dos corpos

Quase me perdi naquele decote,
ela levantou o vestido
e partiu para cima de mim
numa luta de vida ou morte.

Até tentei resistir,
a puxei pela cintura,
beije seu pescoço e a nuca

mas ela foi mais forte.
"Maldito" abraço de pernas,
"maldito" golpe de sorte.

Magaiver Wellington

Canto Firmina

Eu nunca fui a Cuman
nas pegadas de Firmina,
nunca fui sentir a brisa
assim que o dia termina,

colher mensagens de amor,
trocar carícias ardentes,
tostar a pele com chamas
e lufadas de calor.

Eu nunca fui a Cuman,
atrás da mulher sonhada,
que faz daquelas areias
seu Reino de Caliban,

nunca fui chupar a uva,
sorver seu caldo na língua,
ouvir sussurros de Tétis
buscando seu Poseidon,

mas juro aos pés de Firmina,
para que Apolo não caia:
eu mergulho em suas águas
sem nunca morrer na praia.

Antonio Cabral Filho

letrastaquarenses@yahoo.com.br

letrastaquarenses.blogspot.com.br





No morro dos teus braços

Teus pântanos viscosos
Amores silenciosos
Presos nas garras
Cerradas
Do planalto dos nossos campos
Vastos
Desbravo e arregaço
Tradições libertinas
Nos corredores de sua vida

Teus máximos encantos
Perto do ventre
Rosa marcada entre os dentes
Farto discurso nas mãos
Um resto de poesia
[esmigalhada no colchão]

Teus lírios pacatos
Colhidos no morro
Malditos pedaços
Jogados ao vento
São pétalas peladas
De solidão

Davi Kinski

Em uma selva de esculturas,
Todas tortas e decadentes,
Umam perdem os braços e outras, a cabeça.
–Para salvar o mundo de seu câncer! –
[dizem os moralistas.
–Acabem com a farsa! – gritam os velhos,
estes, que perdem seus filhos para a máquina.

Um aço trepidante que dá armas às crianças,
Queima os livros e joga as cinzas nas caras dos homens.
Alguém para salvar este mundo cheio de doentes e hidrofóbicos?
Homens que se arrastam, escarrando ao chão e deitando em cima.

E não, não tenho repulsa!

Porque eu sou igual a esses homens
Viro-me de lado e sinto o escarro manchando meu casaco,
Vejo meu corpo se estatelar ao chão e o socorro chegando tarde.

Alguém há de vir por nós, pois que abram as portas!
Deixem o ar entrar e levar a gente consigo
–Não há esperança! – uns dizem;
são os primeiros a perecer na tortuosa luta contra a existência.

E há ainda aqueles que rasgam seus ternos e correm na rua
Destruindo os cartazes políticos ao som de sinfonias.
–Anarquia! – grita a constituição.

–Vida! – gritam os homens.

Giuseppe Neto



guerra na cruzeiro
guerra civil velada
tem ceva na geladeira
e novela das oito

guerra na cruzeiro
todo tira é capacho
à morte do populacho
no despilfarrase noticiario

guerra na cruzeiro
é tiro, porrada e bomba
natal de fogos nada festivos
tem porco subindo a lomba

guerra na cruzeiro
disparos marcam o tempo
futuros rumos extremos
morte na esquerda ou na direita

guerra na cruzeiro
uma revolta à margem
outra vila navio negreiro
governos que levam vantagem

Felipe Magnus
felipemagnus.com



O rio corre,
As árvores curvam-se,
O outono passa.

Valmir Silva



Igual e diferente.
Se eu quiser tudo igual de novo
mas diferente, vai ser normal!
E, ainda que tudo diferente
queira o povo,
será tudo igual de novo.
É o ano novo!

Nesse pertinho ano,
vamos ainda chorar, mas sorrir!
E será o ano que
fomos capazes de produzir.
Feliz Ano Novo.

Francisco Castro

Entre delírio e ficção, vivem Dulcineia e Quixote.
O sonhador cavaleiro monta castelos de vidros d'água;
pelos olhos da noite, contempla sua amada.

Os dois amantes fazem da memória guardada
silencioso leito. Deliram diante do voo do tempo
(vez em quando Sancho acorda a ambos).

Dulcineia envolve-se nos moinhos,
bate, uma a uma, as portas do castelo.
Não ouve Sancho. Só ouve a si. Aos devaneios.

Quixote crê Dulcineia uma princesa,
destas dos contos de fada.
Dulcineia crê Quixote altivo, pele e osso.

Os dois amantes fazem da memória guardada
silencioso leito. Deliram diante do voo do tempo.
Partem-se em sílabas, palavras de abandono.

Amor da "triste figura".

Cai, cai, haicai

o vento levanta
as pipas pro céu
primavera de papel

Renato de Mattos Motta



Vinho poético

Poesia é como vinho
Deve ser degustada com carinho

Primeiro sente-se o aroma
O cheiro da safra

Aguça o desejo
Palavra por palavra

Em pequenos goles lidos
Inebriando toda a alma.

Leandro Martins de Jesus



Fértil solitude

sabia das besteiras que fazia
e falava sim bagunçava sim
queimava na fogueira

os hematomas eram medalhas
de medos e fracassos
quebrava os copos sujos
cuspiam na intenção da boa esmola

perseguida por ratos desde a escola
conhecia um pedaço da rua
o beco escuro onde dormia nua

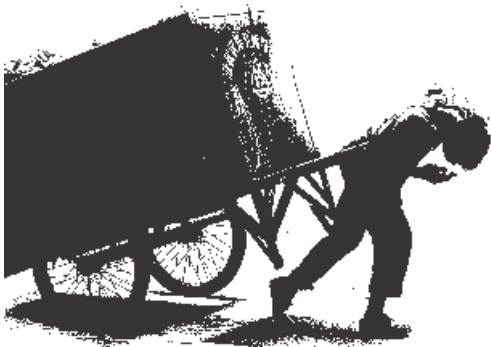
sabia das noites e temporais
enfrentava os dias e os animais
expunha as verdades
todas as escondidas sem piedade

e tanta gente errada ao redor cega nem via
e seu maior prazer dançava sob a lua
o tesouro interno de ser pura

a elegância nascia na decadência
de tules pernas seios olheiras
heroína solitária no esgoto do mundo que fedia

feiticeira cheirava as flores que nem colhia
era bela fecunda e sozinha
onde o homem que a merecia?

Benette Bacellar



O que sinto

Nunca assumi, de fato,
Este sentimento pesado
Que carrego parcelado
Desde que me entendo por gente.
Sei que sofro de uma agonia atroz,
De um silêncio que me é interno,
Neste estado sempre de estar a sós
Com os sonhos jorrados ao vento.

O que nunca assumi, de fato,
Foi este meu indelicado tratado,
Este acordo desajustado
Que fechei com a vida.
Fui neblina, céu rasgado,
Nuvem, precipitação
E já sem forças fico, agora, obsoleto
Sem nenhuma sorte ou amuleto
Apenas um refugio imerso nessa multidão.

Magda Duarte



Desordem e Regresso

Apelações sem éticas
nada proféticas
óbvias de regresso
de obscuras tentativas
e sem sucesso!
Antes um Quixote –
idealista e recesso
que um realista
desabilitado e possesso!

Edison Gil



Tirou seu coração da gaveta
foi doar
acabou doendo.

Odair Fonseca de Souza

Dura

tudo é bom enquanto dura
enquanto perdura
por enquanto fiquemos com a picadura
da abelha
que ao mesmo tempo que fura, cura
essa loucura
custe o que durar
dure o que custar
você perdura e se pendura
dependo dessa coisa dura
que me amargura
e já foi dito que amar cura
cura? que fissura!
essa coisa de querer o que dura
o que dura é o tempo
tão maleável em seus contratempos
duro é essa vida dura de querer durar
decerto ainda há tempo para o talvez perdurar
rejeito a ditadura do sim
me desvio do que te aprisiona a mim
prefiro enrosçar-me em tua pica dura

Dayane Tosta



A epístola da Náiade

*Que es mi barco mi tesoro,
que es mi dios la libertad,
mi ley, la fuerza y el viento,
mi única patria, la mar.*

Canción del pirata - José de Espronceda

Filha das águas,
Melodia nunca acaba,
Ondeia em luz,
Os versos de Alcaçuz.

Retrato indizível do mar
Fulgura em acordes e versos;
Tempo suspenso, sem altar
Onde os sentimentos travessos

Brincando com a nostalgia,
Rimam em nuvem de harmonia:
O que do coração transbordou
Com que do violão se saudou.

Instante

Atravesso o reverso do céu
e num instante

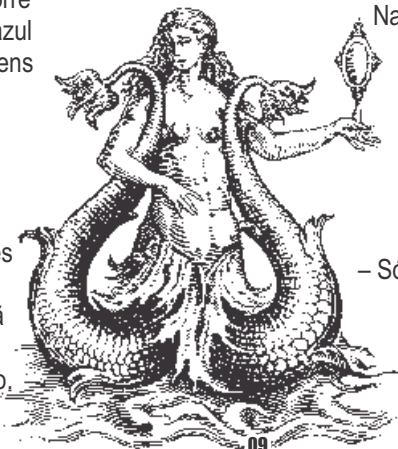
minha alma corre
no infinito azul
busco entrelaçar nuvens

palavras soletram luzes
letras piscam estrelas
longas rimas musicais

lembranças cobram vales
de flores adormecidas
orvalho poussa na manhã

do silêncio,

Adélia Einsfeldt



Ancora ao oceano, me sinto pirata.
Mesmo sem conhecer a eternidade,
Por sete mares naveguei como acrobata
Em versos sem alguma castidade.

Na tessitura das estações, digo Adeus
Aos versos que se despedem
E das memórias que impedem
As bandeiras que carregou aos léus!

Respiro o ar da cidade, mas desejo
As brisas do Oceano das estrofes,
A Atlântida procurada nas odes...
– Só te resta então reprofundar ao Tejo!

Bruno Borin

O poeta

O poeta não vê holofotes, apenas o desfoque do que já escreveu
mas para versejar verdades como Prometeu
comprometido com a vaidade que lhe doeu, sossega-a como pode
na invisibilidade
de um soneto seu.

O Poeta Tem O Tamanho Que Lhe Invade = Altura X Peso X Profundidade.
Exático algoritmo que equaciona seu perfil. A coragem de um covarde
que emputeceu.

O poeta é o resultado distante, verso descobrindo-se humano e errante.
Soar dissonante, de um coração inquieto.
Pelo POETA palPITA seu MISTÉRIO.
Pelo POETA palPITA seu MISTÉRIO.



Bellé Jr.



Peito ferro torcido ferida
tarda volta por cima do nada
crime assim coisa parecida
esvaindo abaixo veia surrada.
Espreitando vítima ser mais uma
no tom da cor ao chão da rua,
vento rasgou as vestes cruas
suspiro negro sem luz, sem lua.

Um lençol feito jornal
no asfalto deitou mortalha,
rosto inerte, efeito vida
aflore morte sem despedida.
Evadiu-se velocidade adentro
foice afiada, bêbada, marcada,
olhares salobros desapontados
com o tempo que nunca tarda.



Roberto Leal

São Paulo

Pétalas sangradas no cimento frio
sob o arco-íris que avisa se já caiu.
Lágrimas diárias de um céu aberto molhando
pontas de cigarros esquecidas na sarjeta
pelo passo rápido de um Vulcabras
ou a jogada de uma franja para a esquerda.
Onde tudo se vê, se encontra, acontece,
vidros refletem a doçura que ilumina o rosto
das várias faces de um mesmo amor
representado pelos pontos cardeais
na missa dos ajoelhados da Sé, em fé.
Convite para ficar contigo a noite,
estremecer com teu grito de multidões,
avivar a flor agreste na fenda miúda
perfumada pelo cheiro da fumaça
do velório das preguiçosas horas
em uma madrugada de segunda-feira.

Mah Fiori – 2014

Premissa improvável...

deus é uma estrela urinária
uma cárie
dor de dentes?

ou aquele criador de tudo
barbas azuis
com olhos julgadores?

quando ele chega
(se chega)
quando ele desce
(se desce)
seu corpo nos convence
de sua força (?)

ou deus é simplesmente
alguma coisa
plasmada por nós mesmos?

antigo soberano, é um tanto jovem
atentando-se à idade do universo.

seus dois mil anos nem fazem sombra
aos milhões de anos que passaram.

meu deus é falho,
o sei, meu deus é tíbio!...

Milton Trindade



Vai Menino

Vai menino!
Suor, dor, calor,
Cheiro de eucalipto.

Vai menino!
Me rasga, arreventa, dilacera
Nesta espelunca xixelenta.

Vai menino!
Humilha-me, xinga, deplora
Esnobando-me, cura-me a alma.

Vai menino!
Faz-me seu nestes breves instantes.
Chupa, come, mete
Arranque meus trocados
Suados que te pagam.

Vai menino!
Acaba logo,
Deixa-me aqui morta
Não a navalhadas,
Mas de alma.

André Camargo



Velório do amor

Sem ao menos se despedir
Ele se foi e partiu meu coração
Deixando toda minha esperança no chão.
Choro de bruços sobre esse amor ingrato
Que se tornou fraco sem explicação.

Partir não é a solução, ao menos para minha alma
Que sempre desejou que a felicidade prosperasse...
Agora, no velório do amor,
Só me resta esperar em vão por uma revolução.

Quero meu rosto limpo, lindo como antes.
Procuro por amantes que me tragam
Sorrisos e mimos.
Nesse velório entrego o fardo e as correntes.
Chega de ser carente, quero viver decentemente.
Meu coração cansou de ser doente, e eu, de ser tão paciente.

Gabriela C. A. Claudino



Legado

quando eu me for
ficarão as palavras
– aprendizado em surdina

no fundo do peito
dos ancestrais
entre lírios e versos
lição guardada:
engenho fincado à terra

Luiz Otávio Oliani



Coração vazio

Um coração vazio
é como um campo aberto
à mercê do Sol no estio
que o pode tornar deserto.

É assim terra desnuda
ao calor que a endurece.
Se perdurar, nenhuma muda
brotará... nada mais cresce.

E vem a chuva traiçoeira,
a lavar, levando o chão
e depois o vento na poeira
o que um dia foi coração.

E o que fica? O vazio...
apenas deserto sem vida.
Dia a chama, noite o frio
e a terra morta varrida.

Terra rasgada de arado
a esperar a semente
é vida com tempo marcado
debaixo de um Sol ardente.

Arnault L. Dias

Hino ao lobby

deturpa esta vida,
panela de elite,
cadeiras falidas!
por mais que me evites
– persona non grata –
meu peito resiste
às formas ingratas
dos vis julgamentos
que negam clemência
e a todo momento
promulgam sentenças,
deixando evidências
de lado, esquecidas.
as vossas mazelas,
cadeiras falidas,
conspurcam panelas!
paxás encostados,
nomeados por vós,
encontram-se irados
ao tom desta voz.
coroa um glutão,
panela de elite!
más vistas que imitem
teu mau coração!

Rodolfo Tokimatsu

Impasse

guardei nos teus olhos
uma porção de sonhos
teorias sobre o amor
riquezas sem fim

só que agora quando te olho
não sei mais se o que guardei
pertence a ti ou a mim

Chrisellen Vieira



Tears with Clapton

apud Alexia Cândido

a lágrima do acorde
tem o tom
dessa caligrafia
de ouvir
que é o nome

porta pro ausente

sussurrado
pelo dedilhado
paraíso
que não entendo
que não me pertence
ao qual não pertenço
simplesmente
pronunciável

Ricardo Escudeiro

Implumes

em pleno sertão
o inaudível canto
dos anjos (meninos
de pó e poeira),
herdeiros das nuvens

crentes, sobrevoam
mas sem que saibamos
seus sonhos em sépia

na lira do tempo,
o voo cego e implume

Jorge Ventura

botar conversas em dia
e os abraços também.
eu disse a ela que a equação das distâncias
varia quando a amizade é um fator

: estar junto não é estar perto
pra tá perto precisa tá mais dentro do que junto :

desenhei árvores em cada dia da agenda
pra ver se os pés enraizavam no chão já que a alma voa
longe
pra esperar o fruto ser fruto e colher
porque cada vez que o tempo passa
diminui a fração da distância
e quando o ano acabar
natal vai ter razão pra existir

regado a salada de frutos que esperaram
amadurecendo ela voltar:
botar conversas em dia
e os abraços também

Michelle C. Buss

<http://segundapartedemim.blogspot.com/>

<http://eadrom.wordpress.com/>



Mergulho

Vida
Carrega
As sombras
Das almas
Empoeiradas
Vítimas
Da solidão
Dilacerante
Do stress
De cada dia.
Ilumina
A face escura
Da solidão profunda
Que mergulha
Nas entranhas do medo,
Da angústia, do desamor
E transmuta
Em vibração
Saudosa, amorosa
De um tempo que jamais voltará.

Lilian Rose M. da Rocha

lilian24@terra.com.br

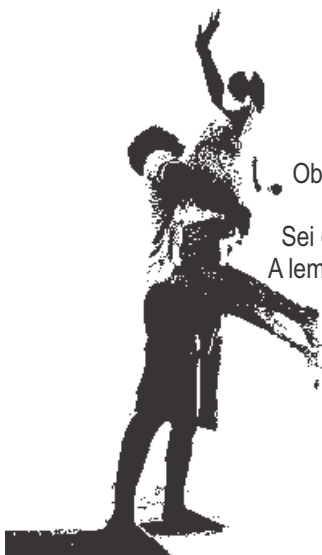
Vida

Vida...
Já me fizeste gente
E gente vivo a formar.

Obrigada por todas as graças que alcancei,
Por tudo que desfrutei.
Sei que um dia partirei e desta comigo levarei
A lembrança e o carinho de tudo que mais amei.

Meus pais,
Meus amigos
E o sorriso das crianças
Que me mostraram o sentido da vida;
O gosto de viver.

Marisol Rojas Gomez





Agora e para sempre

Pelo agora,
pelos próximos segundos,
por hoje.

Pelo dia de amanhã
e pelo de depois também.

Pela próxima semana,
no próximo mês,
no aniversário de seis meses
ou de um ano talvez.

Por todas as bodas,
para os dias em que perdermos as memórias...

Afinal, amor é sentimento cotidiano
que guardamos na alma
embora nossos corpos, já cansados,
e nossas mentes, falhas,
enfraqueçam com o tempo.

Por isso, eu te amarei
até o esquecimento dos meus dias
sem nenhum talvez...

Porque o amor, somente o amor,
e nunca o adeus...

Somente, repito,
somente o amor é para sempre.

Nijair Araújo Pinto

não sei como esses peixes me brotaram dentro
mas fato é que tubarões filhotes comem uns aos outros antes
mesmo
de nascer
meu útero assim
retalhado

algumas vezes coloco o escafandro e desço
mil pés
abaixo do nível do mar
e fico lá flutuando entre as ruínas do ventre

algumas vezes não volto nunca mais

rasgo
o uniforme da Cia de Perfuração Marítima
e me encolho, nua, entre uma âncora
enferrujada e o leme vestido de coral



e permaneço ali
assim: molusco
enquistado

me gestando
pra sempre

Geruza Zelnys

Por um momento

Sinto-me presa ao deserto
Que a noite cria com perfeição
Para esse meu coração de desejos incertos,
Para esses meus olhos de introspecção.

Sinto-me inclinada a ler
Quando a noite de inverno muda de estação
Para a clareza de meu pensamento,
Para o sentido breve de uma recordação.

Adha Agnes

Canções de amor 2

pelas ruas do Leblon
não sou ninguém
misturado às amendoeiras
lembrando da maresia dos domingos de sessão de cinema
das tormentas e pecados
dos rostos pesados

vinte e dois graus de saudades
de um menino solitário que viajava léguas suburbanas
para descobrir distâncias
abandonando sonhos pelas avenidas.

Flavio Machado

Codinome

Contemplei de lados vários
Escovei, cuspi e poli
Meu novo nome novo

Meio brilhante
Fora de esquadro
Quase adequado

Me olhou com um respeito
tão debochado, irreverente
que vou deixá-lo ficar.

E envelhecer, e ficar fosco
e usado e meio tosco
Cansado, colorido, opaco.

Assim como eu
Sapo de outra lagoa
Farinha do mesmo saco.

Miguel Namaskar

Refletindo

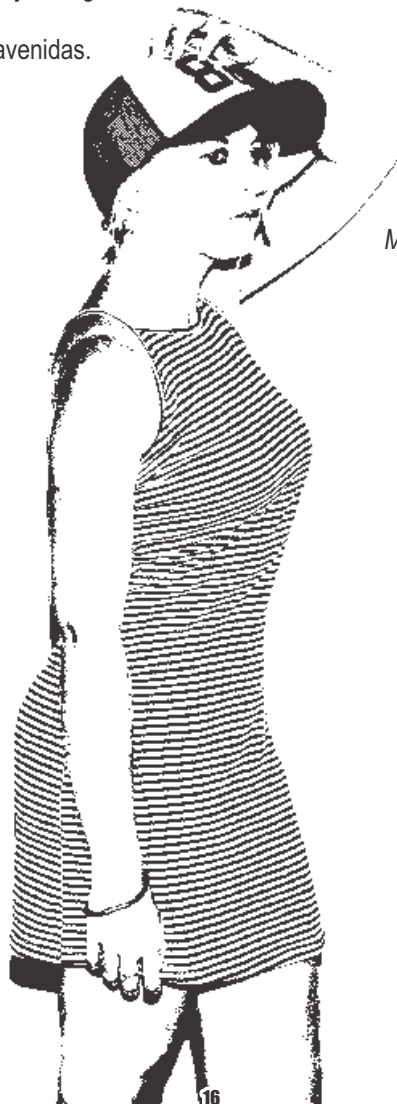
Penso que te amei por descuido
Enrolei-me no engodo
E fiz confusão de tudo.

Acho que me encontraste distraída
Tinha fugido de mim
E me deste guarda.

Foi um castelo de pluma suspeita
Aconcheguei-me como pude
E fiquei levemente satisfeita.

Penso que te amei por engano
Somente tive uma certeza:
Nunca foste humano.

Mari Da Glória Jesus De Oliveira



Eterno

Não lembrava teu nome
até o dia em que vieste
como uma nova paisagem
parar na rocha perdida
junto ao mar da solidão.

Não sabia quem batia na porta
entreaberta, na morada vítrea
de um coração que pulsava,
ao sabor de um nunca mais.

Ainda não sei nada sobre ti,
só teu nome em meu corpo
pintado com a indelével tinta
de um desejo sem fim.

Themis Groisman Lopes



Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
www.gentedePalavra.com.br
gentedePalavra@hotmail.com

Esta edição: 100 exemplares
revisão: Marcia C. Baranski e Michelle Hernandes
Redação, projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Diego Petrarca, Erivoneide Barros e Paulo Roberto do Carmo

Porto Alegre, janeiro de 2015.